

NO ENCALÇO DE GILBERTO FREYRE PELO ÚLTIMO IMPÉRIO PORTUGUÊS (1951-1952)

CLÁUDIA CASTELO*

INTRODUÇÃO

Este ensaio retoma os itinerários planeados e percorridos pelo cientista social brasileiro Gilberto Freyre no império colonial português, entre outubro de 1951 e janeiro de 1952. No decorrer da viagem, Freyre apresentou o conceito de luso-tropicalismo, que o regime do Estado Novo português viria a reutilizar para fins político-ideológicos, interna e externamente, nos anos seguintes, com o acordo ou tolerância da Oposição democrática, e que continuou a ecoar na sociedade portuguesa, após o fim da ditadura e do colonialismo, até aos nossos dias¹. Da visita resultaram dois livros: *Um Brasileiro em terras portuguesas* e *Aventura e rotina* (ambos de 1953). O primeiro, como o subtítulo esclarece, pretende ser uma «introdução a uma possível luso-tropologia», acompanhada de conferências e discursos proferidos durante o percurso. O segundo é uma espécie de diário da viagem realizada «à procura das constantes portuguesas de carácter e acção»².

Os estudos existentes sobre a viagem de Freyre por Portugal e pelo «ultramar português» baseiam-se sobretudo na exegese destas obras e em leituras em contraponto, cotejadas ou comparadas com relatos de viagens de outros cientistas sociais³. Outros cruzamentos poderiam ser ensaiados com relatos de investigadores portugueses (por exemplo, de Almerindo Lessa, da sua missão a Angola e Moçambique, ou de Orlando Ribeiro, da missão à «Índia portuguesa»). Pela minha parte, irei cruzar as publicações do visitante-estudioso com documentação disponível em arquivos portugueses, correspondência particular dirigida a Gilberto Freyre e notícias publicadas na imprensa da época.

Este exercício não foi feito no âmbito da minha dissertação de mestrado, «*O Modo português de estar no mundo*»: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portu-

* Universidade de Lisboa – Instituto de Ciências Sociais. Email: claudia.castelo@ics.ulisboa.pt. Cláudia Sofia Orvalho da Silva Castelo (Prémio 1997).

¹ Sobre o processo de apropriação do luso-tropicalismo pelo Estado Novo português, LÉONARD, 1997 e CASTELO, 1999. A produção científica sobre o luso-tropicalismo e as suas reverberações coloniais e pós-coloniais é vasta e continua pujante. Sem qualquer pretensão de exaustividade: o dossiê temático reunido por COUTO, ENDERS, LÉONARD, *org.*, 1997; ALMEIDA, 2000; MEDINA, 2000; THOMAZ, 2002; ARENAS, 2006; CAHEN, 2008; DÁVILA, 2011; CARDÃO, 2015; CAHEN, MATOS, 2018; ANDERSON, ROQUE, SANTOS, 2019.

² FREYRE, 1953a, 1953b.

³ BASTOS, 1998, 2015; ARAÚJO, 2000; PEIXOTO, 2015; TOLEDO, 2019; MOTTA, 2021.

*guesa*⁴. Isto porque, no decurso da minha investigação, o arquivo Gilberto Freyre, na Fundação homónima, no Recife, encontrava-se em fase de organização e não estava acessível ao público. Então, também não consegui localizar o processo da visita de Freyre no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), cujo trabalho deveras incipiente de descrição arquivística só refletia parcialmente a documentação existente. Em 2000, estando já o arquivo Gilberto Freyre organizado, usufruí de uma estadia de pesquisa na Fundação Gilberto Freyre, graças a uma bolsa de curta duração da Fundação Calouste Gulbenkian⁵. Pouco depois, no decurso da minha investigação de doutoramento, encontrei por acaso o processo da visita de Freyre produzido pelo Ministério do Ultramar⁶. Na sequência disso, percebi que o arquivo da antiga Junta das Missões Geográficas e Investigações do Ultramar também poderia ter documentação relacionada com a visita, o que se veio a confirmar. Este texto, beneficiando da consulta das fontes acima mencionadas, descreve o processo de estabelecimento do programa geral e dos programas parciais em cada escala, e a negociação entre Freyre e os seus anfitriões; equaciona o peso dos imponderáveis na viagem e no estado de espírito do viajante; e desvela a teia de relações afetivas e políticas entretecida ou reforçada no caminho. Constitui-se como um complemento ao que já publiquei sobre o tema⁷.

1. O CONVITE E O PÉRIPLO QUE PODIA TER SIDO

Gilberto Freyre abre o primeiro capítulo de *Casa-grande & senzala*⁸, um livro sobre a formação da sociedade brasileira sob o regime patriarcal e escravocrata instituído pelos portugueses, com a frase: «Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical». Uma linha à frente, esclarece: «A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África». É numa visão essencialista do carácter português que o autor encontra evidências da aptidão deste para a colonização dos trópicos antes, durante e depois da formação do Brasil, em todos os espaços que colonizou. Esse alargamento espacial e temporal surge no livro *Conferências na Europa* (1938), republicado com o título *O Mundo que o português criou* (1940).

⁴ Elaborada sob orientação de Valentim Alexandre, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, aquela tese foi entregue em outubro de 1996, defendida em maio de 1997, distinguida no final desse ano com o prémio de história contemporânea Victor de Sá, e publicada em livro, no início de 1999.

⁵ Dessa pesquisa resultou uma comunicação sobre a correspondência de portugueses para Gilberto Freyre, apresentada ao VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro (CASTELO, 2002).

⁶ AHU. MU, 87, 1A. *Viagem de Gilberto Freyre ao ultramar português*, 1951.

⁷ CASTELO, 1999: 87-91; CASTELO, 2010.

⁸ FREYRE, 1933: 1-2.

Freyre não terá sido estranho ao convite para visitar as colónias portuguesas. Quando a ideia lhe é apresentada, acolhe-a como uma possibilidade de confrontar as suas ideias com a realidade e confirmar «a intuição [...] de que existe no Mundo um complexo social, ecológico e de cultura, que pode ser caracterizado como “lusotropical”»⁹. Esse é também o propósito genérico de quem o convida. No prefácio a *Um Brasileiro em terras portuguesas*, Freyre salienta que aceitou o convite do ministro do Ultramar da República Portuguesa porque estavam asseguradas condições de «inteira independência»; não aceitava «encomenda, mesmo subtil, de livro ou série de artigos apologéticos»¹⁰. Esta declaração escamoteia o que se passou na prática: o Estado português, através de diferentes organismos centrais e dos governos coloniais, custeou os encargos da viagem; coube ao ministro em articulação com os governadores determinar em grande medida o circuito. Esperava-se em retribuição, um livro, respaldado no prestígio internacional de Freyre¹¹. Um livro que o próprio Freyre já manifestara desejos de escrever. Na conferência «Em torno de um novo conceito de tropicalismo», lida na Universidade de Coimbra, em janeiro de 1952, afirmou que a viagem avivara a ideia de «um ensaio há muito planeado»: «Em contacto com essas áreas tropicais, irmãos do Brasil, senti que se esclareceram ou confirmaram em mim algumas já velhas antecipações em torno de novo conceito de tropicalismo, tema que há anos me seduz»¹².

O convite só seria formalizado depois de contactos prévios conduzidos por José Osório de Oliveira, escritor, funcionário do ministério das Colónias, amigo de longa data de Freyre e divulgador incansável da sua obra em Portugal. Na altura, Osório de Oliveira era delegado da Agência Geral das Colónias junto do Secretariado Nacional de Informação. Dirigindo-se ao seu superior hierárquico, avançou desta forma a ideia.

Noticiaram ontem os jornais da tarde que vem em Junho a Portugal [...] o grande sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, mestre da história social do Brasil, autor da mais vasta e mais importante análise da formação da sociedade brasileira, constituída pela obra monumental que é «Casa-Grande e Senzala»; autor, ainda, de outras obras notabilíssimas como «Sobrados e Mucambos», «Nordeste», «Interpretação do Brasil» e «O Mundo que o Português criou». Este último livro é, sem dúvida, o mais eloquente e fundamentado elogio erguido, até hoje, ao génio colonizador do Português. [...] Temos, no Brasil, amigos mais retóricos; não temos nenhum que, pelo estudo e pelo poder de síntese, pela base científica dos

⁹ FREYRE, 1953b: 10.

¹⁰ FREYRE, 1953b: 11.

¹¹ Freyre participou em 1948, em Paris, numa conferência de oito cientistas sociais sobre compreensão internacional, promovida pela UNESCO.

¹² FREYRE, 1953b: 134.

seus juízos e pela clareza da prosa de grande escritor de ideias, contribua mais para nos tornar respeitados, quer no seu país, quer na América do Norte, onde é muito grande o prestígio desse mestre de renome internacional.

Ora eu sei, pela amizade que me liga a Gilberto Freyre, que um dos seus desejos é escrever uma obra sobre Portugal — e essa obra ficará incompleta se não incluir o Ultramar. Sei, também, que Gilberto Freyre gostaria de visitar os nossos territórios ultramarinos, e creio que, quer para ele, quer para nós, teria o maior interesse que pudesse visitar, ao menos, mas com uma certa demora, o Arquipélago de Cabo Verde, dada a identidade de formação que apresenta com o Nordeste do Brasil. Ouso, por isso, pedir a Vossa Excelência que apresente o caso a Sua Excelência o Ministro, certo de que esse Excelentíssimo Senhor, com a sua cultura e o seu interesse pelas coisas de espírito, compreenderá a oportunidade única que se nos apresenta de mostrar ao Brasil, por intermédio do seu mais alto valor no campo das ciências sociais, o que é e o que vale o Império Ultramarino Português¹³.

Como é sabido, a visita não se ficou por Cabo Verde e a expectativa relativamente a uma adesão de Freyre à realidade social desse território não se cumpriu, antes pelo contrário. Já lá iremos.

Osório de Oliveira funcionou também como intermediário entre Gilberto Freyre e o editor Sousa Pinto, da Livros do Brasil, para eventuais edições em Portugal de *Interpretação do Brasil* e *O Mundo que o português criou*, e para a escrita de novos livros.

[A]nsiosamente esperamos que você faça: um ensaio de ecologia sobre o Douro (vinho do Porto) como o que fez sobre o Nordeste (Açúcar) e outro sobre a colonização portuguesa em África, pelo menos em Cabo Verde. Diga-me se está decidido a escrever este segundo ensaio, para eu insistir com o Ministro das Colónias, pessoa de grande curiosidade intelectual e de muito interesse pelos assuntos culturais. Desejo que você decida porque espero de si a melhor interpretação desse fenómeno que é a África Portuguesa. Desejo-o por nós, como português, e para prestígio da inteligência brasileira, tão desacreditada por quantos literatos têm vindo cá ultimamente¹⁴.

¹³ OLIVEIRA, José Osório de, delegado da Agência Geral das Colónias junto do SNI (1951). *[Cópia de informação]* 1951 jan. 25, Lisboa [a] *Agente Geral das Colónias*. Arquivo Documental Gilberto Freyre, Recife, Brasil. Correspondência, José Osório de Oliveira.

¹⁴ OLIVEIRA, José Osório de (1951). *[Carta]*. 1951 mar. 31, Lisboa. [a] *Gilberto Freyre*. Arquivo Documental Gilberto Freyre, Correspondência, José Osório de Oliveira.

Em maio, Osório de Oliveira voltou a escrever a Freyre, insistindo na questão das publicações, mas o principal assunto da carta era o convite oficial que o governo português pretendia endereçar-lhe:

Falei com o Ministro das Colónias, Comandante Sarmento Rodrigues, sobre a sua visita ao Ultramar Português (pelas alterações à Constituição, voltámos à designação antiga e tradicional, suprimindo a palavra colónias, que se prestava a confusões, e a palavra Império, para adoptar a portuguesíssima expressão: Ultramar). O actual Ministro é um oficial de marinha distintíssimo e homem de cultura, que foi governador da Guiné, onde realizou a mais notável obra administrativa e política de quantas se têm feito nos últimos tempos, no Ultramar. Não sei de homem, em Portugal, com quem você possa entender-se melhor, pois ninguém realizou obra tão de acordo com as suas ideias (e com a histórica orientação portuguesa) de democracia social (ou racial). Trata-se, aliás, de alguém que conhece as suas obras e as admira e que, por isso, muito espera, para Portugal, da obra que você pode escrever sobre o nosso Ultramar. Deixe-me dizer que o próprio Doutor Salazar o respeita e considera e que aprova, portanto, os desejos do seu ilustre colaborador na pasta das colónias (o hábito leva-me, ainda, às vezes, a empregar a expressão agora condenada) de que você seja convidado a visitar, com inteira liberdade, Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e, se você quiser, as Províncias do Oriente: o Estado da Índia, especialmente. Que livro você nos pode dar! E para que o faça, o Comandante Sarmento Rodrigues oferece-lhe quanto está na sua mão. As palavras dele foram estas: «Pelo Gilberto Freyre farei tudo. Pode dizer-lhe isto mesmo. Terei o maior gosto em elaborar eu próprio, com o Gilberto Freyre, o plano da sua viagem». Portanto, você pode contar com essa viagem de estudo, que lhe dará a melhor conclusão de seus trabalhos sobre a formação portuguesa do Brasil, feita à base da miscigenação de raças e de culturas. Receberá, de um momento para o outro, o convite oficial, mas eu gostava de saber (para informar o Ministro) se esse convite pode seguir¹⁵.

Dado que, desde fevereiro, Sarmento Rodrigues tinha o aval de Salazar e a garantia de que o governo brasileiro via favoravelmente o projetado convite a Freyre¹⁶, só faltava a concordância deste. Com a «luz verde» de Freyre, o convite oficial foi finalmente enviado e o ministro atribuiu a organização da viagem a Osório de Oliveira¹⁷.

¹⁵ OLIVEIRA, José Osório de (1951). [Carta]. 1951 mai. 13, Lisboa. [a] Gilberto Freyre. Arquivo Documental Gilberto Freyre, Correspondência, José Osório de Oliveira.

¹⁶ CASTELO, 1999: 88.

¹⁷ Numa nota de Osório de Oliveira, sem data, numa folha de um pequeno bloco da Sabena, lê-se: «Meu caro Gilberto: Desejo que chegue bem. Logo que chegue telefone — peço-lhe — para minha casa [...]. Estou encarregado pelo Ministro de organizar a sua viagem». Arquivo Documental Gilberto Freyre, Correspondência, José Osório de Oliveira.

O processo relativo à visita na documentação do gabinete do ministro do Ultramar contém uns apontamentos manuscritos que parecem constituir um primeiro esboço do programa, mais ambicioso e longo do que aquele que efetivamente se realizou. Incluía todas as colónias (inclusive Macau e Timor) e territórios «ex-portugueses» (Mombaça, Singapura, Malaca, São João Baptista de Ajudá). Considerava-se que a despesa podia ser paga por verbas da Junta de Investigações do Ultramar, da Agência Geral do Ultramar ou da Colonização. A estimativa dos custos apontava para um total de 220 contos¹⁸.

No processo de Gilberto Freyre no arquivo da Comissão Executiva da Junta de Investigações do Ultramar encontra-se um manuscrito sem data nem assinatura com uma possível segunda versão do programa, mas que também não foi aquela que se concretizou¹⁹. Esse esboço previa três etapas:

1.ª etapa: Guiné e Cabo Verde

3 de outubro — Partida de Lisboa

De 5 a 16-20 de outubro (o «Alfredo da Silva» parte entre 16 e 20 para Cabo Verde) — Guiné

De 18 a 31 de outubro — Cabo Verde (aqui devia ser acompanhado pelo professor Baltasar Lopes da Silva ou pelo funcionário aduaneiro Jorge Barbosa)

Descansa 6 dias em Lisboa

2.ª etapa: Índia e Macau

7 de novembro — Partida de Lisboa

9 de novembro — Chegada a Bombaim

11 a 25 de novembro — Goa

Bombaim — Diu, Damão, Baçaim — Bombaim

3 de dezembro — Singapura

4 de dezembro — Malaca

5 de dezembro — Singapura

6 de dezembro — Hong-Kong

7 a 11 de dezembro — Macau

Bombaim — Nairobi — Mombaça

3.ª etapa: Moçambique, Angola e S. Tomé

18 de dezembro a 11 de janeiro 1952 — Moçambique, visitando especialmente a Zambézia, onde se formou uma sociedade mestiça (Quelimane e

¹⁸ AHU. MU, 87, 1A.

¹⁹ AIICT. Comissão Executiva da Junta de Investigações do Ultramar, Processo 477 — Gilberto Freyre.

Chinde). Acompanha-o o engenheiro agrónomo José Gomes Pedro ou o funcionário administrativo Manuel Dias Belchior.

12 de janeiro a 3 de fevereiro — Angola, visitando Malange, Lobito, Nova Lisboa, Sá da Bandeira e Moçâmedes. Acompanha-o o Dr. Alexandre Sarmento.

3 a 10 de fevereiro — S. Tomé

11 de fevereiro — Chegada a Lisboa

A visita a Timor já não constava desta versão. O assunto havia sido abordado entre Sarmento Rodrigues e Salazar²⁰. As autoridades portuguesas optaram por não mostrar Timor a Freyre. A justificação teve seguramente a ver com o facto de que ainda se sentiam no território as marcas da destruição causada pela ocupação japonesa e da repressão que se seguiu à retomada da soberania portuguesa²¹.

Como veremos a seguir, no decurso da própria visita, este programa sofreu mudanças nas datas, na duração das estadias em cada destino, nos locais incluídos (alguns serão mesmo suprimidos) e nos guias. O programa foi-se reajustando devido a imprevistos, a decisões dos governadores coloniais e à intervenção do próprio Freyre.

2. ENTRE O PROGRAMA PENSADO E O CAMINHO FEITO

Freyre chegou a Portugal a 13 de agosto, acompanhado da mulher, dos filhos e do pai. Fora um encontro com o presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, no dia 14, a visita ao Jardim do Ultramar (Belém) e à Junta de Investigações do Ultramar (sedeada no Palácio Burnay), alguns almoços e refeições oferecidos pelo ministro do Ultramar e por autoridades municipais, a estadia em Portugal foi sobretudo de férias e turismo com a família. Não deixou, no entanto, de atrair muitas atenções e receber muitas solicitações de encontros, da parte de pessoas que admiravam a sua obra. Por exemplo, um grupo de jovens negros e mestiços de Angola, da Casa dos Estudantes do Império, em que se incluía provavelmente Joaquim Pinto de Andrade, convidou-o a visitar a associação, mas Freyre tratou-os com paternalismo²². Aproveitou para percorrer o país, rever sítios já seus conhecidos e visitar outros pela primeira vez²³. Socializou com amigos de longa data e outros mais recentes; gente dos meios científico, cultural e político; afetos à ditadura e à oposição democrática

²⁰ CASTELO, 1999: 89.

²¹ Numa carta para Marcelo Caetano, datada de 13 de maio de 1947, Ruy Cinatti, à época secretário do governador de Timor, dá conta da atitude arbitrária e cruel das autoridades portuguesas perante timorenses suspeitos de colaboração com os japoneses. ANTT. Arquivo Marcello Caetano, cx. 22, Correspondência/CINATTI, Rui, n.º 4.

²² FREYRE, 1953a: 31 e 411.

²³ Lisboa, Sintra, Praia das Maças, Estoril, Queluz, Setúbal, Arrábida e Azeitão, Mafra, Évora, Beja, Elvas, Olhão, Faro, São Brás de Alportel, Lagos, Portimão, Sagres, Tomar, Fátima, Nazaré, Peniche, Alcobaça, Óbidos, Leiria, Buçaco, Lorvão, Vila Viçosa, Coimbra, Curia, Freixo, Miranda do Douro, Amarante, Guarda, Serra da Estrela, Bragança, Vila Real, Guimarães, Pedras Salgadas, Vidago, Chaves, Famalicão, Braga, Porto, Aveiro, Figueira da Foz.

(entre muitos outros republicanos, visitou Norton de Matos, em Ponte de Lima). Foi hóspede do casal Vieira Machado, na sua casa de veraneio (o castelo de Ferragudo, Algarve), da família Sarmiento Rodrigues no Freixo e de Nuno Simões, em Pedras Salgadas (Trás-os-Montes).

Guiné

A 3 de outubro, começou a «viagem de estudo» de Gilberto Freyre pelas colónias portuguesas de África. A Guiné seria o primeiro destino. Antes da partida, o ministro do Ultramar enviou um telegrama ao respetivo governador com orientações práticas, para que a visita surtisse os efeitos desejados pelo governo português. Nessa altura, o posicionamento político de Freyre era percecionado como favorável à democracia (fora deputado federal por Pernambuco, pela União Democrática Nacional, de 1946 a 1951), o que ditava alguma cautela²⁴.

Não interessam recepções oficiais mas convém ser tratado com todas deferências. Dada posição política não oportuno exaltar nossa política mas sim obra colonização civilização e contactos culturais assimilação racial. Teixeira Mota completamente preparado esse efeito. Como ser hóspede do Governo rogo facilitar sua estadia fornecendo transportes e instalações hotéis e outras despesas todas de nossa conta. Convém ser apresentado pessoas destaque especialmente não europeias afim melhor possa ajuizar nossa acção civilizadora sem discriminação²⁵.

Freyre viajava na companhia do tenente Avelino Teixeira da Mota, que elaborou o programa local²⁶. Não havendo ligação aérea direta, aterraram em Dakar. Na capital do Senegal, aproveitaram para visitar o Instituto Francês da África Negra. Depois, voaram até Zinguichor, onde os esperava um carro enviado pelo governador da Guiné, a pedido do ministro, que os transportou a Varela, no dia 5 e, finalmente, a Bissau, no dia 6.

Em Bissau, Freyre visitou o posto de combate à doença do sono e o Centro de Estudos da Guiné Portuguesa²⁷. Além de ver as terras e as populações, era suposto tomar contacto com o trabalho que os portugueses estavam a fazer no domínio científico e médico. Um dos assuntos a que pesquisadores do Centro se vinham

²⁴ Pelos telegramas enviados pelo ministro do Ultramar aos governadores coloniais, antes do início da viagem e à medida que se desenrola, percebemos que Sarmiento Rodrigues desejava que Freyre fosse recebido sem grandes cerimónias oficiais ou de exaltação política, como um «observador independente, mas muito afeiçoado a Portugal», e pretendia que tudo fosse feito para não melindrar, antes agradecer, o convidado. AHU. MU, 87, 1A.

²⁵ AHU. MU, 87, 1A.

²⁶ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do Telegrama 103 CIF]. 1951 set. 6. [a] Governador da Guiné. AHU. MU, 87, 1A.

²⁷ Sobre o CEGP, vd. ÁGOAS, 2020.

dedicando, em particular Teixeira da Mota, e que muito interessava a Freyre do ponto de vista científico e social era a questão da «habitação indígena», a casa vista «como um valor vivo, humano e ecológico»²⁸. O cientista social brasileiro também se interessou pela grande variedade dos povos da Guiné e pelas tatuagens, que pôde observar «com olhos [...] sociologicamente clínicos», em danças de ritual praticadas por homens, mulheres e crianças; danças organizadas propositadamente para o visitante pelas autoridades portuguesas encarregadas dos assuntos indígenas²⁹. Entre os homens de estudo com que privou na Guiné, destacaria o «zootécnico admirável» João Tenreiro, o etnógrafo autodidata António Carreira (na época administrador de Teixeira Pinto) e principalmente o etnólogo, geógrafo e historiador, que lhe serviu de guia naquela parte de África³⁰.

Do Senegal à Guiné, ficou impressionado com «as evidências da expansão maometana», cuja plasticidade social e cultural os portugueses estariam a imitar³¹. Perto de Bafatá, visitou uma mesquita e uma escola maometana, onde meninos aprendiam a ler e escrever árabe. Entre as fotografias que Teixeira da Mota tirou durante a visita, a pedido de Freyre, encontram-se fotografias do escritor brasileiro acompanhado de régulo fula, em frente à casa deste, em Gabu; conversando com fulas islamizados; e conversando com um mestre mandinga e experimentando escrever com um estilete árabe, em Tabicunda³².

No discurso de agradecimento transmitido pela emissora local, em Bissau, nas vésperas da partida, declarou que encontrara na Guiné «gente tão fraterna e uma paisagem tão irmã da do Brasil tropical» e guardava «forte impressão» de vários régulos que conheceu e também de alguns «homens grandes», que considerou «autênticos aristocratas da cabeça aos pés»³³.

Cabo Verde

Em finais de agosto de 1951, o ministro do Ultramar informou o governador de Cabo Verde de que se encontrava em Lisboa o «grande sociólogo brasileiro» e que, a seu convite, este iria visitar todo o ultramar. Para o arquipélago, propunha um programa que incluía praticamente todas as ilhas (Santiago, Fogo, Brava, Boavista, S. Vicente, Santo Antão, São Nicolau e Sal), exceto a ilha de Maio, e sugeria o professor do Liceu do Mindelo, Baltazar Lopes da Silva, para guia, dados os seus conhecimentos socio-

²⁸ FREYRE, 1953a: 210.

²⁹ FREYRE, 1953a: 206 e 214.

³⁰ FREYRE, 1953a: 234-235.

³¹ FREYRE, 1953a: 226-227.

³² Ver encartes fotográficos em FREYRE, 1953a, 1953b. As edições portuguesas pela editora Livros do Brasil não incluem as fotografias.

³³ FREYRE, 1953b: 168-169.

lógicos³⁴. Em resposta, o governador explicou que o itinerário proposto não era exequível dentro do prazo indicado, além de ser extremamente incómodo. Contrapunha um programa que contemplava Santiago (dias 21 e 22 de outubro), Fogo (23 e 24), Brava (24-26), Santo Antão (28-30) e Sal (31 de outubro a 3 de novembro)³⁵. Como Baltasar Lopes Silva estava de licença graciosa, Freyre teria de ser acompanhado por outra individualidade. O ministro concordou com o programa, mas como Freyre tinha que regressar a Lisboa, a 1 de novembro, a visita deixaria de incluir Santo Antão³⁶.

Ora a data de chegada a Cabo Verde teve de ajustar-se à disponibilidade de transporte marítimo a partir de Bissau. Gilberto Freyre desembarcou na Praia na manhã de 19 de outubro, tendo viajado no vapor «Alfredo da Silva». De pouco lhe valeu a passagem em 1.^a classe. Durante a travessia um temporal abateu-se sobre a região, afetando o arquipélago e, muito duramente, Santiago. Ligações telegráficas inutilizadas para o interior da ilha, estradas intransitáveis, grandes prejuízos em edifícios do Estado (principalmente na residência do governador, hospital e quartel), árvores e postes telegráficos derrubados, moradias destruídas, famílias sem abrigo, culturas dizimadas. O governador, ainda sem notícias dos estragos nas outras ilhas, terminava assim um telegrama pungente: «Situação preocupa-me virtude falta verbas amparar gente pobre que foi a mais atingida e reparações estragos mais urgentes edifícios e estradas. E dentro deste amálgama chegou após viagem tormentosa professor GILBERTO FREIRE»³⁷.

Freyre desistiu de visitar o Fogo e a Brava, alegando cansaço. O governador, por seu turno, atribuiu a desistência ao facto do «hóspede do governo» se ter apercebido das deficientes ligações entre as ilhas. De facto, Freyre ficou três dias retido na Praia, sem poder conhecer o interior de Santiago. Acompanhado do governador e de Júlio Monteiro seguiu para o Mindelo, no «Alfredo Silva» (que se havia demorado na Praia porque o temporal havia inutilizado quase todos os barcos que faziam a descarga)³⁸. Passou cinco dias em São Vicente. A bordo do «Areias» rumou depois à ilha do Sal, apanhando aí um avião italiano para Lisboa no dia 31 de outubro³⁹.

³⁴ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [*Minuta de Telegrama n.º 62 CIF*]. 1951 ago. 29. [a] Governo de Cabo Verde. AHU. MU, 87, 1A.

³⁵ GOVERNADOR-GERAL DE CABO VERDE (1951). [*Telegrama n.º 110 CIF*]. 1951 set. 4. [a] Ministro do Ultramar. AHU. MU, 87, 1A.

³⁶ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [*Telegrama n.º 65 CIF*]. 1951 set. 6. [a] Governador-geral de Cabo Verde. AHU. MU, 87, 1A.

³⁷ GOVERNADOR-GERAL DE CABO VERDE (1951). [*Telegrama n.º 130 CIF*]. 1951 out. 19. [a] Ministro do Ultramar. Assunto: Temporal (por cima, a vermelho: «Chegada Dr. Gilberto Freyre»). AHU. MU, 87, 1A.

³⁸ Em *Aventura e rotina*, Freyre escreveu: «Venho por mar da ilha de São Tiago à de São Vicente. A comunicação entre as ilhas é tão deficiente que o arquipélago de Cabo Verde socialmente nega a sua configuração geográfica» (FREYRE, 1953a: 243).

³⁹ GOVERNADOR-GERAL DE CABO VERDE (1951). [*Telegrama 131 CIF*]. 1951 out. 20. [a] Ministro do Ultramar. AHU. MU, 87, 1A; FREYRE, 1953a: 253.

Num discurso de circunstância, proferido a 20 de outubro (isto é, um dia depois da sua chegada à Praia), Freyre falou do parentesco do cabo-verdiano com o brasileiro e exaltou o muito que havia de português na variedade de cores e formas da população cabo-verdiana⁴⁰. Porém, ao contrário do que Osório de Oliveira e outros interlocutores em Portugal antecipavam e do anseio da intelectualidade cabo-verdiana, em *Aventura e rotina* escreveu que não encontrou senão um parentesco muito vago entre Cabo Verde e o Brasil⁴¹. Desagradou-lhe o que lhe pareceu um baixo grau de mestiçagem, uma população «tão negroide», sobretudo em Santiago, e o crioulo, que designou de «dialecto», a pobreza, a falta de comunicação entre as ilhas, a «incarcerização cultural»⁴². Para surpresa e desgosto dos intelectuais locais, mas também de Osório de Oliveira e mesmo de Sarmiento Rodrigues, que apontavam Cabo Verde como um exemplo bem-sucedido da colonização portuguesa e do processo de miscigenação que a acompanhava, Freyre considerou que o arquipélago precisava de uma maior presença europeia e de «um novo ânimo — de origem antes cultural do que étnica — no sentido de maior atividade criadora de valores predominantemente europeus»⁴³.

Vários investigadores têm analisado as causas da incompreensão de Freyre perante a cultura cabo-verdiana e a realidade social do arquipélago; e os motivos da desilusão que a sua leitura apressada provocou em Cabo Verde⁴⁴. A reação de Baltazar Lopes às páginas de *Aventura e rotina* dedicadas a Cabo Verde não deve ser vista como uma crítica ao luso-tropicalismo; traduz antes a reivindicação de que o regionalismo cabo-verdiano carregava viva a marca lusíada, o que justificava plenamente a mediação cabo-verdiana no seio do império português⁴⁵.

Concordando que a incompreensão de Freyre perante a realidade social cabo-verdiana pôs a nu os limites da valorização do negro e da cultura africana no seu pensamento, quero tão-só sugerir que as duras circunstâncias ambientais em que a visita se realizou, tão nos antípodas do que era esperado, inclusive pelo próprio Freyre — «chego a São Tiago de Cabo Verde sob uma chuva tão forte que parece mentira; pois o Cabo Verde é uma espécie de Ceará desgarrado no meio do Atlântico»⁴⁶ —, e os constrangimentos que acarretou (limitações práticas e supressão de pontos do programa) podem ter predisposto negativamente o observador. As altas expectativas que tantos interlocutores lhe incutiram ter-se-ão diluído (com a intempérie!) numa incapacidade de observar com empatia, numa falta de compreensão? Acresce, por fim,

⁴⁰ BARROS, 2009: 108.

⁴¹ É preciso não esquecer que os intelectuais do movimento literário *Claridade* conheciam e admiravam a obra de Freyre desde a publicação de *Casa-grande & senzala* — que para muitos havia sido uma espécie de livro de cabeceira — e depositavam muitas esperanças na interpretação que o sociólogo brasileiro podia fazer da sua terra, população e cultura.

⁴² FREYRE, 1953a: 238, 243, 248, 250.

⁴³ FREYRE, 1953a: 249.

⁴⁴ SILVESTRE, 2002; ARENAS, 2006; BARROS, 2008, 2009; NETO, 2009.

⁴⁵ BARROS, 2009: 109-111.

⁴⁶ FREYRE, 1953a: 237.

um episódio que a documentação não elucida totalmente, mas que terá desagradado sobremaneira ao viajante em Cabo Verde. À chegada a Lisboa, Freyre queixou-se de um «desagradável incidente na Praia motivo passaporte» e o ministro em telegrama ao governador foi taxativo na apreciação: «Atitude funcionário parece inteiramente inconveniente constitui indelével nota desagradável»⁴⁷. O governador, depois de proceder a averiguações, tomou medidas drásticas:

*culpas recaíram principalmente Administrador Concelho e um funcionário Administração Civil. (Daquela?) foi confirmada exoneração que já era minha intenção impor-lhe tendo embarcado regresso Metrópole dia 15 mês passado. Funcionário civil foi punido*⁴⁸.

A sua «leitura falhada da cultura cabo-verdiana»⁴⁹, que tanto desiludiu os «claridosos», também ditaria a prazo o afastamento pessoal entre Osório de Oliveira e o escritor brasileiro, sem que a adesão às ideias-mestras do luso-tropicalismo fosse maculada.

Índia

Depois de uma longa viagem, com várias escalas, e de alguns dias em Bombaim, Freyre chegou a Goa a 15 de novembro⁵⁰. Ali, «em pleno Oriente», pareceu-lhe que chegava ao Brasil, «com o qual a Goa antiga se parece extraordinariamente»⁵¹. Freyre apreciou Pangim, a capital de Goa, que tanto lhe recordou uma pequena e velha cidade do Norte do Brasil, como São Luís do Maranhão. Visitou o arquivo de Goa com o Professor Pissurlencar, casas-grandes de luso-indianos, a Escola Médica de Goa, «Velha Goa». Toda a visita foi de reencontro com o Brasil, descobrindo e apontando semelhanças.

O ministro do Ultramar solicitara ao cônsul de Bombaim e ao governador-geral de Goa para que o viajante só tivesse contacto com «elementos confiança» e evitasse «adversários» da posição portuguesa. Esse esforço não foi totalmente bem-sucedido, pois Freyre terá tido contacto com um «separatista» em Goa, mas a conversa não levou Freyre a repudiar a política de Salazar⁵². Durante a estadia de Freyre no território, o governador, seguindo as instruções superiores, esforçou-se por mostrar um «perfeito entendimento racial» e religioso⁵³. A visita ao templo hindu de Queula, onde

⁴⁷ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama 79 CIF]. 1951 nov. 5. [a] Governador de Cabo Verde.

⁴⁸ GOVERNADOR DE CABO VERDE (1951). [Telegrama n.º 155 CIF]. 1951 dez. 7. [a] Ministro do Ultramar.

⁴⁹ ARENAS, 2006.

⁵⁰ GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [Telegrama n.º 138 CIF]. 1951 nov. 16. [a] Ministro do Ultramar.

⁵¹ FREYRE, 1953a: 263.

⁵² FREYRE, 1953a: 301-302.

⁵³ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 116 CIF]. 1951 nov. 7. [a] Governador-geral da Índia.

Freyre foi recebido pelo respetivo prelado, que dirigiu uma mensagem em marata ao governador, correspondeu inteiramente às preocupações do ministro.

Acompanhei Dr. GILBERTO FREYRE visita Devalaia Queula recebidos manifestações regozijo muito cativantes de todos mazanes. Prelado hindu obsequiou-nos especialmente tendo sido proferidos vários discursos e lida uma mensagem muito interessante e de alto significado do Prelado agradecendo tudo quanto temos feito a seu favor, vincando a liberdade que é dada a religião hindu, e enaltecendo as relações estreitas existentes entre Prelados e Governador⁵⁴.

De igual modo, a cerimónia junto ao monumento a Afonso de Albuquerque na tarde de 25 de novembro, dia de Santa Catarina, quis corporizar essa «harmonia» no gesto encenado de três crianças, hindu, cristã e muçulmana, depondo coroas de flores no monumento⁵⁵.

O deslumbramento de Freyre com a vegetação, a paisagem e a cultura da «Índia portuguesa» foi abundantemente manifestado ao longo da estadia em Goa. Apenas lhe mereceram reparos o tratamento desigual nas forças armadas e administração pública portuguesa em relação ao luso-indianos, como em geral a discriminação no acesso a cargos públicos e altas patentes dos portugueses do ultramar, que considerou uma imitação de práticas inglesas e belgas!⁵⁶

O cansaço da viagem começava a pesar e Freyre, que ainda tinha São Tomé, Angola e Moçambique no programa, desistiu de ir a Macau. O governador-geral da Índia informou o ministro que o visitante seguia para Bombaim a 26 de novembro, e aí tomava o avião para Roma no dia 30, chegando a Lisboa no dia 1 de dezembro⁵⁷.

O ministro, que no dia 7 de novembro informara o governador de Macau que Freyre depois de visitar Goa, passaria por Singapura, Malaca, Hong Kong e Macau, ainda sem datas fechadas, e solicitara que Freyre fosse recebido e instalado convenientemente no território e acompanhado por «pessoa capaz», teve de mandar novo telegrama dizendo que a ida a Macau fora adiada⁵⁸.

São Tomé

A passagem de Gilberto Freyre por São Tomé foi muito curta, tão-só o tempo de permanência naquele porto do navio onde seguia com destino a Angola (5 horas).

⁵⁴ GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [Telegrama n.º 144 CIF]. 1951 nov. 23. [a] Ministro do Ultramar.

⁵⁵ GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [Telegrama n.º 147 CIF]. 1951 nov. 25. [a] Ministro do Ultramar.

⁵⁶ FREYRE, 1953a: 294.

⁵⁷ GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [Telegramas n.º 145 e 146 CIF]. 1951 nov. 23 e 25. [a] Ministro do Ultramar.

⁵⁸ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minutas dos telegramas n.º 99 CIF, 103 CIF, 107 CIF]. 1951 nov. 7, 17 e 24. [a] Governador de Macau.

Ao contrário do plano inicial, nem sequer houve tempo para visitar as roças. O programa incluiu apenas a visita a algumas obras sociais e um banquete.

Para conhecimento Vexa comunico vapor «Pátria» onde viajava GILBERTO FREYRE chegou pelas 18 horas de sábado 22 o que não permitiu dar muito brilhantismo sua recepção contudo visitou todas obras sociais já inauguradas e em curso e outras. Foi-lhe oferecido banquete Palácio Governo com assistência todos altos funcionários Província tendo num brilhante improviso agradecido carinhosa recepção. Acompanhei-o a bordo. Vapor partiu pelas 23 horas tendo me manifestado sua grande satisfação pelo que viu, parecendo-me ter partido visivelmente bem impressionado com visita⁵⁹.

Em *Aventura e rotina*, Freyre tece considerações com base nas conversas que manteve com o governador, Carlos Gorgulho, sobre o seu «espírito turístico», as obras públicas que estava a impulsionar (aeroporto, hospitais, escolas, pavimentação das ruas, casas para operários e higienização da cidade) ou a sua preocupação com a melhoria da «condição do trabalhador africano sem se destruir a economia do cacau»⁶⁰. À falta de contato mais próximo com a população da ilha, reproduz, sem apontamento crítico, a visão que o governante lhe apresentou (o mesmo que seria responsável político pelo massacre de fevereiro de 1953 em São Tomé)⁶¹.

Angola

O ministro do Ultramar tinha solicitado ao governador-geral de Angola, Agapito Silva Carvalho, a preparação de um programa da visita que incluísse as principais cidades e «desenvolvimentos» mais importantes do território: Luanda, indústrias, instalações indígenas, barragem das Mabubas, abastecimento de água, Duque de Bragança, Nova Lisboa, Lobito, Benguela, Sá da Bandeira, Moçâmedes, pescarias, caracul, bem como os laboratórios de engenharia e patologia veterinária, a escola agrícola do Tchivinguiro, sociedades culturais, campos experimentais, a missão combate à doença do sono e prospeção de endemias, a missão hidrográfica e a missão da pesca. O médico Alexandre Sarmento foi o nome indicado pelo ministro para acompanhar Freyre em Angola, por ter sensibilidade para as questões sociais que tanto interessavam ao visitante⁶².

⁵⁹ GOVERNADOR DE SÃO TOMÉ (1951). [Telegrama n.º 56 CIF]. 1951 dez. 24. [a] Ministro do Ultramar.

⁶⁰ FREYRE, 1953a: 321-322.

⁶¹ Sobre o massacre de 1953, vd. SEIBERT, 1997.

⁶² Cf. MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minutas dos telegramas n.º 224 CIF e 226 CIF]. 1951 dez. 4 e 5. [a] Governador-geral de Angola.

Em resposta, o governador-geral de Angola lembrava que a época era das piores para visitar o território. Devido às chuvas, o percurso teria de ser feito quase exclusivamente de avião. Quinze dias que incluíam as festas de Natal e Ano Novo afiguravam-se-lhe escassos, tornando difícil organizar um programa com todos os locais sugeridos pelo ministro⁶³. Contrapunha um programa que considerava muito incompleto e mesmo assim bastante cansativo:

Dia 21 — visita Luanda seguindo vapor «IMPÉRIO» Lobito;
Dias 22 e 23 — visitas Lobito e Benguela e algumas pescarias e fábricas;
Dia 24 — avião Luanda visitas Mabubas e Tentativa;
Dia 25 — Luanda;
Dias 26 e 27 — partida avião Congo visita missão Sono e possivelmente colonato indígena Amba;
Dia 28 — chegada Luanda visitas missões hidrográfica e pesca;
Dias 29 e 30 — estação experimental café Duque Bragança Malange;
Dia 31 — regresso avião Luanda;
Dia 1 — Luanda;
Dias 2 e 3 — Moçâmedes Porto Alexandre Baía Tigres;
Dia 4 — Karakul subida Chela chegada Sá Bandeira;
Dias 5 e 6 — Sá Bandeira Humpata Chinvinguiro e arredores;
Dias 7, 8 e 9 — Nova Lisboa Ganda e Silva Porto;
Dia 10 — partida avião Lourenço Marques.

Em alternativa a Alexandre Sarmento, que só lhe parecia indicado nos dias passados em Nova Lisboa e arredores («únicas regiões e meios que ele conhece»), Agapito de Carvalho sugeria Ramos de Sousa e Ávila de Azevedo, diretores de economia e instrução, respetivamente; aptos a apreciar «problemas sociais e conhecedores todas as regiões e meios província».

O atraso na partida do «Pátria» de Lisboa viria a impor alterações ao programa previsto, eliminando alguns pontos «menos impressionantes». Além disso, Gilberto Freyre manifestara interesse em visitar a Companhia dos Diamantes de Angola e o ministro não quis contrariá-lo⁶⁴.

Freyre chegou a Luanda a 24 de dezembro. No telegrama de Boas Festas que enviou ao ministro dizia que ficara encantado com São Tomé e com primeiras impressões de Angola. O programa final, acertado pessoalmente entre Freyre e o governador-geral de Angola, teve início a seguir ao Natal.

⁶³ GOVERNADOR-GERAL DE ANGOLA (1951). [Telegrama n.º 184 CIF]. 1951 dez. 12. [a] Ministro do Ultramar.

⁶⁴ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 236 CIF]. 1951 dez. 17. [a] Governador-geral de Angola.

- 26 — *Luanda visita colégios escolas liceu instituições assistência museu.*
27 — *Mabubas Tentativa indústrias de Luanda sessão de homenagem da Sociedade Cultural.*
28 a 31 — *Visita à Companhia dos Diamantes.*
1 — *Silva Porto.*
2 — *Nova Lisboa.*
3 — *Sá da Bandeira Humpata Tchivinguiro.*
4 — *Karakul.*
5 — *Moçâmedes sobrevoando Alexandre e Baía Tigres.*
6 — *Lobito Benguela jantar despedida Luanda.*
7 — *Partida para L. Marques em avião especial.*

Como é possível perceber, atendendo à extensão do território angolano, não seria possível visitar com vagar os vários locais. A inclusão da visita à Companhia dos Diamantes de Angola, no extremo nordeste da província, acabou por desequilibrar ainda mais a distribuição do escasso tempo de que Freyre dispunha, mas tratava-se de uma «exigência» do próprio, que já tinha conhecido em Lisboa o diretor da Companhia, comandante Ernesto de Vilhena, e sabia do conflito entre esta «potência de tal modo potente» e o governador-geral, «homem de antes quebrar que torcer»⁶⁵. A sua pressão para visitar a Companhia dos Diamantes de Angola, além do evidente interesse sociológico, servia o propósito de ter algo para criticar no livro que iria escrever, sem comprometer o governo de que era hóspede.

Depois de visitar em Luanda e arredores o que o ministro tinha intenção que lhe fosse mostrado, viajou de avião até Vila Luso e de carro até ao Dundo, pernoitando em Dala. Sobre o voo no avião CR-L-C-J dirigido pelo comandante Rosa, escreveria em *Aventura e Rotina*:

*Voar de avião pequeno, em voo baixo, sobre paisagens que o observador deseje conhecer nas suas formas mais características de conflitos e acomodação de culturas humanas com a natureza e entre si, é, com certeza, o melhor meio de adquirir-se este conhecimento em superfície: tão útil ao conhecimento em profundidade*⁶⁶.

No Dundo, Freyre visitou hospitais, maternidades, oficinas, a «Casa do pessoal», cinema, salas de jogos, a piscina, os campos de jogos ao ar livre, a estação emissora, o museu etnográfico, a central de escolha e as casas dos técnicos europeus.

⁶⁵ FREYRE, 1953a: 324.

⁶⁶ FREYRE, 1953a: 344.

Já as habitações para os trabalhadores, só as conseguiu ver por fora e pareceram-lhe desadequadas ao clima e função.

Nas cidades que visitou em Angola, Freyre viu instituições de ensino, de assistência, e de investigação ou experimentação, obras públicas e indústrias. Em Silva Porto, Freyre visitou a Embala de Silva Porto, a Casa ou Mansão dos Velhos Colonos, fábricas de refinação de óleos, moagem e descasque de cereais, a piscina pública, o internato do Instituto Liceal e o colégio das Irmãs. Em Nova Lisboa, visitou o Laboratório Central de Patologia Veterinária, a Associação Comercial e Industrial do Huambo, a Escola Industrial Sarmiento Rodrigues, o Museu Regional (na Câmara Municipal) e foi obsequiado com um jantar de honra no Palácio do Governo. Em Sá da Bandeira, visitou a Escola de Artes e Ofícios Artur de Paiva, a Casa Mãe das Raparigas da Huíla, o Liceu, a Estação Experimental da Humpata, a Escola Agropecuária do Tchivinguiro e o Posto Experimental do Caraculo. Em Moçamedes, além das pescarias, visitou o cemitério dos «pretos», e a apelidou as esculturas das campas de arte luso-tropical. Em sobrevoo, teve contacto com o deserto, Porto Alexandre e a Baía dos Tigres. Antes de regressar a Luanda, o Lobito e Benguela foram as últimas cidades do períplo angolano; neste ponto particularmente e injustamente apressado.

Moçambique

Antes mesmo de Freyre embarcar para Angola, o ministro do Ultramar enviou um telegrama ao governador-geral de Moçambique avisando-o de que o convidado deveria chegar a Lourenço Marques de avião, a 7 de janeiro de 1952, e deveria permanecer na província por cerca de 15 dias. Tal como havia feito no caso da visita a Angola, solicitava que na organização do programa fossem incluídos os «progressos sociais e urbanísticos» da capital, escolas, instituições científicas (os laboratórios de engenharia e patologia veterinária, a missão de combate à doença do sono, campos experimentais), sociedades culturais, fábricas. A visita devia especificamente contemplar o caminho de ferro, o porto, e deslocações à Beira, Revué, Chimoio (dando conta dos trabalhos contra a erosão), Quelimane, Gurué e, finalmente, a Ilha Moçambique. Mais uma vez, o ministro transmitia ao anfitrião local instruções muito precisas quanto ao tratamento que devia ser dado ao convidado:

Certamente muito sensível a atenções pessoais deve gostar ver hipopótamos e elefantes. Agradeço promover sua instalação melhor hotel e determinar que não sejam postas quaisquer dificuldades passaporte ou alfândega muito desgostam professor FREYRE. Despesas viagens de conta Ministério e outras de instalação também podem ser caso Vexa desejar. Essencial ser que ele não tenha essas preocupações⁶⁷.

⁶⁷ MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 244 CIF]. 1951 dez. 5 [a] Governador-geral de Moçambique.

Como cicerones de Freyre no circuito moçambicano, sugere o engenheiro Gomes Pedro ou Belchior Dias, habilitados a compreender os problemas sociais e económicos que interessam ao sociólogo brasileiro.

A primeira versão do programa, enviada ainda em dezembro, foi depois ajustada porque Freyre só chegou ao aeroporto de Mavalane na manhã do dia 8 de janeiro⁶⁸. No arquivo encontra-se o programa final detalhado, com datas e horários precisos, e que vai ao encontro das instruções ministeriais quanto ao teor da visita e cortesias ao visitante. Este foi hospedado no famoso Hotel Polana, propriedade de sul-africanos, que lhe mereceu elogios do ponto de vista «técnico», mas lhe desagradou por não aceitar hóspedes ou sequer visitantes negros, prática contrária à colonização portuguesa.

Na tarde de dia 8, depois de uma audiência com o governador, visitou vários estabelecimentos de ensino e o museu Álvaro de Castro com Moreira de Almeida, chefe dos serviços de instrução. Este também o acompanhou, na manhã de dia 9, na visita ao Arquivo Histórico e às instalações do Rádio Clube de Moçambique. Da parte da tarde, na direção dos serviços de Administração Civil, o diretor, Juvenal de Carvalho, pôs Freyre a par da «política indígena, acção missionária e progresso social». À noite foi-lhe oferecido um banquete na residência do governo-geral. No dia 10, na câmara municipal, mostraram-lhe o plano de urbanização de Lourenço Marques, seguindo-se uma visita geral à cidade (obras municipais, monumentos, edifícios públicos, hotéis, edifícios comerciais mais importantes, parques desportivos, bairro indígena e zona industrial). À tarde, visitou a Associação dos Velhos Colonos e a Associação Comercial. Nestas visitas foi acompanhado por Juvenal de Carvalho. No dia 10, ainda na capital, visitou o Laboratório de Patologia Veterinária, as instalações da Missão de Combate às Tripanossomíases, e as instalações do Centro de Investigação Científica Algodoeira, sendo recebido pelos respetivos responsáveis.

No dia 12, apanhou o avião para a Beira, na companhia do engenheiro Gomes Pedro. A visita à cidade e ao porto, foi complementada por uma explicação sobre o desenvolvimento industrial em curso. A 13, novamente de avião, partiu para Vila Pery, sobrevoando a reserva da Gorongosa. Tal como o ministro havia solicitado, Freyre pôde avistar inúmeros animais selvagens. Na região de Chimoio, visitou propriedades agrícolas defendidas contra a erosão, com o engenheiro Dias da Silva, da Junta de Exportações dos Cereais. À tarde, sobrevoou a fábrica de tecidos e obras do Revuê. Nos dias seguintes, deslocando-se de táxi aéreo, sobrevoou os tandos de Morrumeu, visitou às instalações da Sena Sugar no Luabo, visitou Quelimane e palmares vizinhos, sobrevoou as plantações de sisal de Mocuba, visitou as plantações e fábricas de

⁶⁸ TEIXEIRA, Gabriel, Governador-geral de Moçambique, Capitão de mar e guerra (1951). [Ofício n.º 321/C] [Confidencial] 1951 dez. 29 [a] Ministro do Ultramar, em aditamento a ofício n.º 312/C de 14.12.51.

chá da área do Guruè e o Lumbo. Finalmente, visitou a ilha de Moçambique. A 17, regressou a Lourenço Marques, onde no dia seguinte visitou as instalações do porto e do caminho de ferro, o entreposto da Matola, as instalações petrolíferas e a fábrica de moagem da Companhia Industrial da Matola. Foi acompanhado nestas visitas pelo diretor dos serviços dos portos, caminhos de ferro e transportes, major Pinto Teixeira. Foi-lhe oferecido um jantar de despedida na residência do governo-geral. Partiu na manhã de 19 para Johannesburg e a 21, aterrou em Lisboa. Cumpria-se um programa oficial cheio de cortesias e cautelas, com a situação colonial muito ao longe, para não incomodar.

CONCLUSÃO

Entre o que o ministro do Ultramar e os governadores coloniais quiseram mostrar (a sua conceção de progresso: urbanização, infraestruturas, obras públicas, desenvolvimento agrícola e industrial; e instantâneos da diversidade das populações e das culturas sob a unidade da civilização portuguesa) e o que Freyre quis ver (para confirmar a sua intuição), estabeleceu-se o programa geral da visita, com ajustamentos e alterações pontuais à medida que a mesma decorria. Tratava-se de uma visita a convite do governo de Portugal, financiada por este e dependente da logística e enquadramento que este propiciou. A negociação do programa entre convidado e anfitriões não se traduziu numa maior oportunidade para a aplicação de metodologias de campo, como a observação participante ou o inquérito etnográfico ou sociológico junto de comunidades, grupos, indivíduos. O contacto com as populações nas várias escalas da viagem foi sempre organizado e mediado por elementos da administração portuguesa. Em Angola e Moçambique, dada a dimensão dos territórios, a escassez de tempo e as dificuldades de circulação na época das chuvas, o recurso a pequenos aviões ou táxis aéreos para sobrevoos de zonas específicas determinou a forma de Freyre olhar e entender grande parte do espaço⁶⁹.

As anotações de Freyre sobre as paisagens e realidades sociais que observou diretamente ou a que acedeu por informações que os seus acompanhantes lhe transmitiram resultam só em parte das circunstâncias e condições concretas em que a viagem teve lugar. Decorrem também de consultas bibliográficas sobre o passado das regiões visitadas, e dos interesses e preocupações do autor. Daí que a narrativa de *Aventura e rotina* seja pontuada por digressões históricas e seja possível identificar questões transversais (como a habitação destinada aos africanos, as comparações com o Brasil, o grau de miscigenação alcançado, a busca de uma arte

⁶⁹ A título de curiosidade, refira-se que, em agosto de 1969, o Hudson Institute, um *think-tank* de Nova Iorque, realiza um *aerial survey* em Angola, encomendado pela Companhia União Fabril, para aferir das potencialidades de desenvolvimento local. A metodologia de inquérito adotada pela equipa consistia precisamente em percorrer o território em voos de baixa altitude.

luso-tropical), críticas recorrentes (ao «industrialismo capitalista» e às supostas influências estrangeiras consideradas nefastas e contrárias à forma do português estar nos trópicos), sugestões repetidas (o incremento dos estudos antropológicos e sociológicos no ultramar).

Durante a viagem pelas colónias portuguesas operou-se um alinhamento de Freyre com a política «ultramarina» portuguesa (chega a defender a existência do estatuto jurídico diferenciado para os indígenas) e um estreitamento dos laços afetivos com políticos e intelectuais portugueses. A simpatia de Freyre por Salazar e pelo Estado Novo português (que as críticas à censura e à polícia política não chegaram a beliscar), e a sua adesão à posição defendida por Portugal no seio da comunidade internacional não era um dado adquirido para os anfitriões aquando do convite, mas foi sendo alicerçada durante a visita e os livros publicados em 1953 vieram confirmá-la. Assim o entendia, aliás, o ministro e amigo, Sarmento Rodrigues:

Já recebi, de facto, os dois volumes: «Aventura e Rotina», «Um brasileiro em Terras Portuguesas». É claro que deve saber qual a minha impressão: muitíssimo boa. Eu sei que tem tido contraditores, uns por sérias convicções, outros porque não ficaram contentes com referências directas ou indirectas e ainda outros só para falar.

É impossível fazer obra que a todos agrade; e quando se trabalha com independência, muito pior. Pela minha parte agradeço-lhe muito todas as suas atenções dirigidas à família que muito o estima, bem como a todos os Seus. Porque quanto à causa que defendemos, basta saber que é a mesma.

Os seus livros são altamente benéficos e esclarecedores. Pena foi que não tivesse visitado as províncias do Extremo-orient. Nelas colheria mais argumentos para as nossas teses⁷⁰.

E que teses eram essas que Freyre e Sarmento Rodrigues comungavam? As teses sobre a excecionalidade portuguesa: que a presença de Portugal além-mar era marcada pelo amor e não pelo interesse material e a exploração predatória dos recursos e mão de obra local; que Portugal não tinha colónias sob o seu domínio, antes constituía uma nação multicontinental e multirracial; que «novos Brasis» estavam em construção em Angola e Moçambique. Teses veiculadas a partir dos anos 50 por figuras cimeiras do Estado Novo, pela diplomacia, pelo instituto que formava os quadros para a administração ultramarina, pela propaganda e pela censura⁷¹.

⁷⁰ RODRIGUES, Sarmento (1954). [Carta]. 1954 out. 25. [a] Gilberto Freyre. BR, FGF, AFG.

⁷¹ CASTELO, 1999, 2015.

Teses amplamente partilhadas pelas elites do país, porque tinham também raízes no nacionalismo português.

Sabemos que o luso-tropicalismo, explicitado durante a viagem de Freyre pelas colónias portuguesas, seria mobilizado para fazer face às lutas de libertação a partir de 1961, e sobreviveria ao fim da ditadura e do império, continuando a ser atualizado e reivindicado no espaço público em Portugal. Depois desta incursão exploratória pela geografia (de confirmação) do luso-tropicalismo, importa analisar as suas reconfigurações no tempo, entre os anos de 1960 e o início do século XXI. Esse é o trabalho a empreender numa próxima edição revista, melhorada e aumentada do meu livro de 1999.

FONTES

Arquivo do Instituto de Investigação Científica Tropical

AIICT. Comissão Executiva da Junta de Investigações do Ultramar, Processo 477 — Gilberto Freyre.

Arquivo Histórico Ultramarino

AHU. MU, 87, 1A. *Viagem de Gilberto Freyre ao ultramar português*, 1951.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Arquivo Marcello Caetano*, cx. 22, Correspondência/CINATTI, Rui, n.º 4.

Correspondência

CINATTI, Ruy (1947). [*Carta*]. 1947 mai. 13. [a] *Marcelo Caetano*. ANTT. Arquivo Marcello Caetano, cx. 22, Correspondência/CINATTI, Rui, n.º 4.

GOVERNADOR-GERAL DE CABO VERDE (1951). [*Telegrama n.º 110 CIF*]. 1951 set. 4. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR DE CABO VERDE (1951). [*Telegrama n.º 155 CIF*]. 1951 dez. 7. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR-GERAL DE CABO VERDE (1951). [*Telegrama n.º 130 CIF*]. 1951 out. 19. [a] *Ministro do Ultramar*. Assunto: Temporal (por cima, a vermelho: «Chegada Dr. Gilberto Freyre»).

GOVERNADOR-GERAL DE CABO VERDE (1951). [*Telegrama 131 CIF*]. 1951 out. 20. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR DE SÃO TOMÉ (1951). [*Telegrama n.º 56 CIF*]. 1951 dez. 24. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [*Telegrama n.º 138 CIF*]. 1951 nov. 16. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [*Telegrama n.º 144 CIF*]. 1951 nov. 23. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [*Telegramas n.º 145 e 146 CIF*]. 1951 nov. 23 e 25. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR-GERAL DA ÍNDIA (1951). [*Telegrama n.º 147 CIF*]. 1951 nov. 25. [a] *Ministro do Ultramar*.

GOVERNADOR-GERAL DE ANGOLA (1951). [*Telegrama n.º 184 CIF*]. 1951 dez. 12. [a] *Ministro do Ultramar*.

- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Telegrama n.º 65 CIF]. 1951 set. 6. [a] Governador-geral de Cabo Verde.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 62 CIF]. 1951 ago. 29. [a] Governo de Cabo Verde.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 79 CIF]. 1951 nov. 5. [a] Governador de Cabo Verde.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minutas dos telegramas n.º 99 CIF, 103 CIF, 107 CIF]. 1951 nov. 7, 17 e 24. [a] Governador de Macau.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 103 CIF]. 1951 set. 6. [a] Governador da Guiné.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 116 CIF]. 1951 nov. 7. [a] Governador-geral da Índia.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 236 CIF]. 1951 dez. 17. [a] Governador-geral de Angola.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minutas dos telegramas n.º 224 CIF e 226 CIF]. 1951 dez. 4 e 5. [a] Governador-geral de Angola.
- MINISTRO DO ULTRAMAR (1951). [Minuta do telegrama n.º 244 CIF]. 1951 dez. 5. [a] Governador-geral de Moçambique.
- OLIVEIRA, José Osório de (1951). [Carta]. 1951 mar. 31. [a] Gilberto Freyre. Arquivo Gilberto Freyre, Correspondência, José Osório de Oliveira.
- OLIVEIRA, José Osório de (1951). [Carta]. 1951 mai. 13, Lisboa. [a] Gilberto Freyre. Arquivo Documental Gilberto Freyre, Correspondência, José Osório de Oliveira.
- OLIVEIRA, José Osório de, delegado da Agência Geral das Colónias junto do SNI (1951). [Cópia de informação] 1951 jan. 25, Lisboa [a] Agente Geral das Colónias. Arquivo Documental Gilberto Freyre, Recife, Brasil. Correspondência, José Osório de Oliveira.
- RODRIGUES, Sarmiento (1954) [Carta]. 1954 out. 25. [a] Gilberto Freyre. BR, FGF, AFG.
- TEIXEIRA, Gabriel, Governador-Geral de Moçambique, Capitão de mar e guerra (1951). [Ofício n.º 321/C] [Confidencial] 1951 dez. 29 [a] Ministro do Ultramar, em aditamento a ofício n.º 312/C de 14.12.51.

BIBLIOGRAFIA

- ÁGOAS, Frederico (2020). *Social sciences, modernization, and late colonialism: The Centro de Estudos da Guiné Portuguesa*. «Journal of the History of the Behavioral Sciences». 56:4, 278-297.
- ALMEIDA, Miguel Vale de (2000). *Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política da Identidade*. Oeiras: Celta Editora.
- ANDERSON, Warwick; ROQUE, Ricardo; SANTOS, Ricardo Ventura (2019), *Luso-tropicalism and its discontents: the making and unmaking of racial exceptionalism*. New York; Oxford: Berghahn.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de (2000). *Castelos no Ar: Notas sobre Portugal em Aventura e Rotina*. In *Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos. Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos trópicos*. Recife: Fundação Gilberto Freyre.
- ARENAS, Fernando (2006). *Reverberações lusotropicalis: Gilberto Freyre e a África*. In LUND, Joshua; MCNEE, Malcolm, ed. *Gilberto Freyre e os estudos latino-americanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, pp. 123-145.
- BARROS, Victor (2008). As «sombrias» da Claridade: entre o discurso de integração regional e a retórica nacionalista. In TORRALBA, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares, org. *Comunidades imaginadas: Nação e nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 193-217.

- BARROS, Victor (2009). *Lusotropicalismo e Caboverdianidade: o discurso de Gilberto Freyre e o Contradiscurso de Baltasar Lopes*. In ANDRADE, Joel Carlos de Souza; OLIVEIRA, Iranilson Buriti; SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; VALENTE, Isabel Maria Freitas, org. *Daqui e d'além mar*. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 1.º vol., pp. 85-118.
- BASTOS, Cristiana (1998). *Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos: das notas de viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre*. «Análise Social». XXXIII: 146-147, 415-432.
- BASTOS, Cristiana (2015). *Aventura e rotina: um livro de meio de percurso revisitado*. In CASTELO, Cláudia; CARDÃO, Marcos, org. *Gilberto Freyre. Novas leituras de outro lado do Atlântico*. São Paulo: Edusp, pp. 35-48.
- CAHEN, Michel (2008). *Persistence du lusotropicalisme au XXIe siècle*. «Lusotopie». 15:2, 223-229.
- CAHEN, Michel; MATOS, Patrícia Ferraz (2018). *New Perspectives on Luso-tropicalism = Novas Perspetivas sobre o Luso-tropicalismo*. «Portuguese Studies Review». 26:1.
- CARDÃO, Marcos (2015). *Fado tropical: Luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*. Lisboa: Edições Unipop.
- CASTELO, Cláudia (1999). *«O modo português de estar no mundo»: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento.
- CASTELO, Cláudia (2002). *Leituras da correspondência de portugueses para Gilberto Freyre*. In *Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: Balanços e Desafios*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 2, pp. 421-444.
- CASTELO, Cláudia (2010). *Prefácio*. In FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. São Paulo: É Realizações, pp. 11-29.
- CASTELO, Cláudia (2015). *A Mensagem luso-tropical do colonialismo português tardio: o papel da propaganda e da censura*. In MARTINS, Moisés de Lemos, org. *Lusofonia e Interculturalidade: Promessa e travessia*. Fimalicão: Húmus, pp. 433-449.
- COUTO, Dejanirah; ENDERS, Armelle; LÉONARD, Yves, org. (1997). *Lusotropicalisme: Idéologie coloniales et identités nationale dans les mondes lusophones*. «Lusotopie». 4.
- DÁVILA, Jerry (2011). *Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREYRE, Gilberto (1933). *Casa-grande & Senzala*, Rio de Janeiro: Maia & Schmidt.
- FREYRE, Gilberto (1953a). *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- FREYRE, Gilberto (1953b). *Um Brasileiro em terras portuguesas: Introdução a uma possível lusotropicalologia: acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- LÉONARD, Yves (1997). *Salazarisme et lusotropicalisme: histoire d'une appropriation*. «Lusotopie». 4, 211-226.
- MEDINA, João (2000). *Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colônias portuguesas como alibi colonial do salazarismo*. «Revista USP». 45, 48-61.
- MIRANDA, Rachel de Rezende (2002). *Além-mar: Aventura e Rotina: o lugar do Brasil no mundo luso-tropical de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado.
- MOTTA, Marina Laet Panella (2021). *Cronotrópicos: espaço-tempo e alteridade nos relatos de viagem de Mário de Andrade, Gilberto Freyre e Claude Lévi-Strauss*. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado.
- NETO, Sérgio (2009). *Colónia Mártir, Colónia Modelo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- PEIXOTO, Fernanda Arenas (2015). *A Viagem como vocação: Itinerários, parecerias e formas de conhecimento*. São Paulo: EDUSP.
- SEIBERT, Gerhard (1997) *Le Massacre de février 1953 à São Tomé: raison d'être du nationalisme santoméen*. «Lusotopie». 4, 173-191.
- SILVESTRE, Osvaldo (2002). *A Aventura Crioula revisitada: Versões do Atlântico Negro em Gilberto Freyre, Baltasar Lopes e Manuel Ferreira*. In BUESCU, Helena Carvalhão; SANCHES, Manuela Ribeiro, org. *Literatura e viagens pós-coloniais*. Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas-Edições Colibri, pp. 63-103.
- THOMAZ, Omar Ribeiro (2002). *Ecos do Atlântico Sul: Representações sobre o terceiro império português*. Rio de Janeiro: EdUFRJ.
- TOLEDO, Júlia Neves (2019). *A Civilização lusotropical de Gilberto Freyre: uma síntese cultural lusófona*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado.